

TEXTOS

(Sugestões para Seminários)

SITUAÇÃO DO COMÉRCIO NO BRASIL

(D. Fernando José de Portugal)

O comércio que as outras nações procuram fazer nos portos do Brasil, principalmente os americanos e ingleses, é, sem dúvida, muito prejudicial; porque introduzem fazendas, que todas são proibidas, e com grande prejuízo das nossas fábricas; pelo contrário, a negociação clandestina e disfarçada, que fazem os espanhóis de Montevideu e Buenos Aires com as nossas colônias, nos é sumamente vantajosa, e mais interessante a Portugal do que à Espanha. Eles exportam do Brasil bastantes fazendas da Europa, e até as de contrabando que uma vez introduzidas, é conveniente dar-lhes semelhante saída, aguardante, algum açúcar, e escravos, e importam principalmente prata e couros, e também algumas carnes secas, e sebo, de sorte que para saldarem e equilibrarem a sua importação com a exportação, se vêem obrigados a deixarem anualmente uma grande quantidade de patacas. É certo que o couro é um dos artigos principais da exportação do Rio Grande, mas nem por isso causam prejuízo os que aqui introduzem os espanhóis, antes utilidade; porque como têm maior peso, servem para lotarem os nossos, e lhes dar maior saída nos mercados gerais da Europa. A carne seca, é sim outro artigo de exportação daquele Continente; mas como quase toda a que se consome no Brasil vem dali, não resulta prejuízo considerável de se introduzir também alguma de Montevideu; supostas as grandes vantagens, que recebemos deste comércio clandestino em geral, e o mesmo digo a respeito do sebo, não sendo natural que de outro

modo as embarcações espanholas hajam de freqüentar tanto os portos das nossas colônias, trazendo-nos a prata, cuja saída se embaraça ali com a maior vigilância.

Quanto à exportação dos escravos, não duvido que esta matéria seja mais sujeita a diversidades de opiniões, segundo o modo com que for considerada, persuadindo-me contudo que visto os espanhóis não terem tentado até agora o comércio da escravatura na Costa da África, por lhes faltarem os gêneros essenciais para esta exportação, principalmente o tabaco, nos seria vantajoso se lhes fosse permitido comprá-los nesta cidade, e na Bahia, pagando os direitos por saída que se estabelecessem, o que contudo não é praticável suposto o alvará de 14 de outubro de 1751, que expressamente proíbe passarem negros para domínios que não pertençam a Portugal, e as repetidas leis de Ordens, que defendem todo e qualquer comércio aos estrangeiros no Brasil.

(Observações ao regimento de Roque da Costa Barreto, de 23 de janeiro de 1677, em Avelar, Hélio de Alcântara - **Administração Pombalina**, pp. 328-329. Volume 5º da série "História Administrativa do Brasil", Brasília, Editora da Universidade/Funcep, 1983)

*

LINCOLN E HENRIQUE IV

(James Russell Lowell)

Poder-se-ia traçar um curioso e, cremos, não despropositado paralelo entre Mr. Lincoln e uma das figuras mais emocionantes da história moderna: Henrique IV, da França. A carreira deste último pode ser mais pitoresca, como sempre sói ser a de um ousado capitão; mas em todas as suas vicissitudes, nada existe mais romântico do que essa súbita mudança, como obra da lâmpada mágica de Aladino, do escritório de advocacia numa cidadezinha do Illinois à vanguarda de uma grande nação, em tempos como estes. As analogia entre os caracteres e circunstâncias dos dois homens é em muitos respeitos singularmente

próxima. Sucedendo antes a uma rebelião que a uma coroa, a principal dependência material de Henrique era o partido dos huguenotes cujas doutrinas, para os mais fanáticos dentre eles, não se ajustavam à personalidade de Henrique. Rei apenas nominalmente para a maior parte da França, tendo a Capital em guerra contra ele, tornou-se evidente pouco a pouco aos mais esclarecidos e, dentre estes, o partido católico, que ele era o único centro de ordem e de autoridade legítima, em torno de quem a França poderia reorganizar-se. Enquanto que o clero, que sustentava o direito divino dos reis, fazia vibrar as igrejas de Paris com as declamações em favor da democracia (...)

No entanto, os protestantes tinham suas dúvidas de que eles pertenciam, os católicos tinham esperanças vagas de que ele viesse a pertencer-lhes, e o próprio Henrique repelia as recriminações, advertências e bisbilhotices com uma pilhéria ou um provérbio, sempre jovial segundo seus hábitos... Henrique IV era tão cheio de pontos de vista sensatos e tão conhecedor da evolução política como Mr. Lindoln, mas sob tudo isso estava o homem grave, pensador, prático e humano, em torno de quem deviam reunir-se os fragmentos da França, até que esta se tornasse novamente um planeta de primeira grandeza no sistema europeu.

Num ponto, Mr, Lincoln teve mais sorte do que Henrique. Conquanto alguns possam julgá-lo carecedor de zelo, os mais fanáticos não podem achar a mais leve sombra de apostasia em qualquer das suas atitudes, nem podem os mais ferrenhos acusá-lo de ser movido por motivos de interesse pessoal. A principal distinção entre as políticas dos dois são as circunstâncias. Henrique foi ter à nação; Mr. Lincoln puxou firmemente a nação até ele. Um deixou uma França unida; o outro, esperamos e cremos, deixará uma América reunida. Deixamos aos leitores traçar por si próprios os demais pontos de diferença e semelhança, tendo-nos limitado a sugerir uma similaridade geral que sempre nos ocorreu.

(**Abraham Lincoln**, em **Ensaístas americanos**, 343-345. Rio de Janeiro, Jackson, 1964. Col. "Clássicos Jackson", v. 33).